

1

Tom olhou para trás e viu o homem sair do bar Green Cage, dirigindo-se na sua direção. Apressou o passo. Não restava a menor dúvida de que o homem o seguia. Tom reparara na maneira como ainda há cinco minutos ele o espiara de uma mesa: como se estivesse *quase* certo de alguma coisa, mas ainda não completamente. Em todo o caso, espiara tempo bastante para Tom engolir à pressa a bebida, pagar e sair.

À esquina, Tom inclinou o corpo ligeiramente para a frente e começou a percorrer mais depressa a Quinta Avenida. O bar Raoul's ficava próximo. Valeria a pena entrar para tomar mais uma bebida, mesmo tentando o destino e tudo o mais? Ou seria melhor seguir para Park Avenue e despistar o homem enfiando-se nalgum portal escuro? Foi ao Raoul's.

Ao entrar, dirigiu-se a um lugar vago no bar e olhou automaticamente em redor, para ver se descobria alguém conhecido. Viu um sujeito grande e ruivo de cujo nome nunca se lembrava, sentado à mesa com uma loura. O ruivo acenou e a mão de Tom ergueu-se, débil, respondendo à saudação. Passou uma perna por cima de um banco e pôs-se a observar desafiadoramente a porta, mas com o ar mais natural do mundo.

— Um gim-tónico, por favor — disse para o *barman*.

Com que então era aquele o tipo de homem que punham atrás dele? Era, não era? E contudo não tinha aspeto de ser um polícia ou um detetive. Parecia mais um homem de negócios, pai de família, bem vestido, bem alimentado, de têmporas já um pouco grisalhas e com um ar suspeito. Com que então era aquele tipo que mandavam num

trabalho destes, para meter conversa num bar e de repente *zás!* — uma mão no ombro e na outra um distintivo da polícia. *Tom Ripley, o senhor está preso.* Tom continuava a observar a porta.

Aí vinha ele. Olhou em redor, viu-o e desviou imediatamente o olhar. Tirou o chapéu de palha e sentou-se num ponto distante do bar.

Santo Deus, afinal que queria ele? Pela segunda vez, Tom pensou que o homem não parecia um *perverso*, embora o seu cérebro moesse e remoesse a palavra, como se esta pudesse protegê-lo, até porque preferia que o sujeito fosse um perverso e não um polícia. Se fosse um perverso, poderia dizer-lhe muito simplesmente: «Não, muito obrigado», sorrir e desaparecer. Inclinou-se para trás no banco, preparando-se.

Viu o homem fazer um gesto de recusa ao *barman*, contornar o bar e dirigir-se a ele. Era agora! Tom fitou-o, paralisado. O máximo que apanhas são dez anos, pensou. Ou quinze, talvez, mas com bom comportamento... Nesse momento os lábios do homem abriram-se para falar e Tom sentiu uma pontada aguda, desesperada, de agonia.

— Desculpe, o senhor não é Tom Ripley?

— Sim.

— Eu sou Herbert Greenleaf, pai de Richard Greenleaf. — A expressão que lhe atravessava o rosto confundiu Tom mais do que se lhe tivessem apontado uma arma. Um rosto afável, sorridente e cheio de esperança. — É amigo de Richard, não é verdade?

No seu cérebro operou-se rapidamente uma ligação. Dickie Greenleaf. Um tipo alto e louro. Um tipo com uma porção de dinheiro, lembrou-se Tom. — Ah, Dickie Greenleaf! Sim, era.

— De qualquer maneira, o senhor conhece Charles e Marta Schriever. Foram eles que me falaram em si, pensando que o senhor podia... hum... Podemos sentar-nos a uma mesa?

— Com certeza — disse Tom alegremente, pegando na bebida. Seguiu o homem até uma mesa vazia, ao fundo do bar. Pena suspensa, pensou. Livre! Ninguém ia prendê-lo. Tratava-se de outra coisa qualquer. Fosse o que fosse, não se tratava de extorsão ou violação de correspondência ou lá como lhe chamavam. Talvez Richard estivesse metido nalgum sarilho. Talvez Mr. Greenleaf precisasse de ajuda ou de conselhos. E Tom sabia precisamente o que dizer a um pai como Mr. Greenleaf.

— Não estava bem certo de que o senhor fosse Tom Ripley — disse Mr. Greenleaf. — Só o tinha visto uma vez antes... Não foi uma vez a nossa casa, com Richard?

— Creio que sim.

— Os Schrievers também me fizeram uma descrição sua. Temos andado todos à sua procura, porque os Schrievers queriam que nos encontrássemos em casa deles. Houve alguém que lhes disse que você costumava aparecer pelo Green Cage de vez em quando. De resto, é a primeira noite que saí para o procurar, de maneira que devo estar cheio de sorte. — Sorriu. — Escrevi-lhe uma carta na semana passada, mas se calhar não a recebeu.

— Não, não recebi. — Marc anda atrasado com a entrega do correio, pensou Tom. Que vá para o diabo. Talvez houvesse algum cheque da tia Dottie. — Mudei-me há cerca de uma semana — acrescentou.

— Ah, bem. Não lhe dizia muita coisa na carta. Era só a pedir-lhe para nos encontrarmos e conversarmos um bocado. Os Schrievers disseram-me que conhecia muito bem Richard.

— Sim, lembro-me muito bem dele.

— Mas não lhe tem escrito? — parecia decepcionado.

— Não. Há alguns anos que não vejo Dickie.

— Há dois anos que ele está na Europa. Os Schrievers falaram-me muito bem de si. Dizem que se escrevesse a Richard talvez tivesse alguma influência nele. Eu quero que ele volte para casa. Tem responsabilidades aqui... mas nem mesmo agora ele quer saber do que eu e a mãe temos tentado dizer-lhe.

Tom estava pasmado. — Que lhe disseram afinal os Schrievers?

— Disseram — provavelmente exageraram um pouco — que o senhor e Richard eram grandes amigos. Suponho que pensaram que vocês se correspondiam regularmente. Bem vê, conheço tão poucos amigos de Richard... — olhou o copo de Tom como se quisesse oferecer-lhe uma bebida, mas o copo de Tom estava quase cheio.

Tom lembrava-se de ter ido a uma festa em casa dos Schrievers com Dickie Greenleaf. Provavelmente os Greenleafs eram mais íntimos dos Schrievers do que ele, que só os tinha visto duas ou três vezes. Sim, a explicação devia ser essa. A última vez, pensou Tom, foi na noite em que ele fizera um arranjinho na declaração de impostos de Charley Schriever. Charley era realizador de televisão e

estivera numa grande atrapalhação por causa dos trabalhos por conta própria; achava Tom um génio pelo trabalho que fizera, baixando os impostos como ele não conseguira fazer, e de maneira perfeitamente legal. Talvez tivesse sido esse o motivo por que Schriever o recomendara a Mr. Greenleaf. A avaliar por essa noite, Charley devia tê-lo descrito como sendo inteligente, equilibrado, completamente honesto e sempre pronto a fazer um favor. Isso não era inteiramente verdade.

— Não conhece mais ninguém íntimo de Richard para exercer nele alguma influência? — perguntou tristemente Mr. Greenleaf.

Havia Buddy Lankenau, pensou, mas não queria meter Buddy naquilo. — Parece-me que não — disse Tom abanando a cabeça. — Porque é que Richard não regressa a casa?

— Diz que prefere viver lá. Mas agora que tem a mãe muito doente... Bem, isto são problemas familiares. Desculpe se o estou a maçar. — Passou suavemente a mão sobre o cabelo grisalho fino e bem penteado. — Diz que está a pintar. Não há mal nenhum nisso, mas a verdade é que ele não tem talento suficiente para ser pintor. Contudo, é muito bom desenhador de barcos, isto é, se se aplicar realmente. — Olhou para cima quando um criado lhe falou. — *Whisky* com soda, por favor. *Whisky Dewar's*. Quer tomar alguma coisa?

— Não, obrigado — disse Tom.

Mr. Greenleaf olhou para ele como quem pedia desculpa. — O senhor é o primeiro amigo de Richard que presta atenção ao que eu digo. Os outros todos julgam que estou a tentar meter-me na vida dele.

Isso percebia perfeitamente Tom. — Quem me dera poder ajudá-lo — disse polidamente. Lembrava-se agora de que Dickie tinha rendimentos provenientes de uma companhia de construção naval. Pequenos barcos de recreio. Não havia dúvida de que o pai queria fazê-lo voltar para tomar conta do negócio. Sorriu vagamente para Mr. Greenleaf e acabou a bebida. Estava sentado mesmo à beira da cadeira, pronto a sair, mas quase podia tocar a desilusão do outro. — Em que local da Europa está ele? — perguntou Tom, sem se importar absolutamente nada com isso.

— Numa cidade chamada Mongibello, ao sul de Nápoles. Parece que nem sequer há lá uma biblioteca, segundo ele diz. Passa o tempo a pintar e a andar de barco. Comprou lá uma casa. Richard tem ren-

dimentos próprios, sabe... nada de especial, mas o bastante para ir vivendo em Itália, ao que parece. Enfim, gostos não se discutem, mas não percebo que atração pode ter um lugar daqueles. — Mr. Greenleaf sorriu corajosamente. — Não toma mesmo nada, Mr. Ripley? — perguntou, quando o criado lhe trouxe o *whisky* com soda.

Tom estava ansioso por sair. Mas detestava deixar o homem sentado à mesa com um copo cheio à sua frente. — Obrigado, agora aceito — disse ele, estendendo o copo para o criado.

— Charley Schriever disse-me que o senhor trabalhava no ramo dos seguros — disse Mr. Greenleaf afavelmente.

— Trabalhei, aqui há uns tempos. Agora... — Mas não queria dizer a Mr. Greenleaf que trabalhava para a repartição de Finanças, pelo menos por enquanto. — Trabalho na secção de contabilidade de uma agência de publicidade.

— Ah, sim?!

Ficaram ambos calados por um momento. Os olhos de Mr. Greenleaf estavam fixos nele, com uma expressão ansiosa e patética. Que diabo poderia ele dizer? Tom arrependeu-se de ter aceitado a bebida. — A propósito, que idade tem Dickie agora? — perguntou.

— Vinte e cinco.

Também eu, pensou Tom. Provavelmente Dickie estava a viver à grande por aqueles lados: rendimentos, uma casa, um barco. Porque haveria ele de querer voltar? O rosto de Dickie tornava-se cada vez mais nítido no seu cérebro: um grande sorriso, cabelo louro e ondulado, um rosto aberto. Dickie tinha sorte. E ele, que fazia ele aos vinte e cinco anos? Limitava-se a tentar assegurar a subsistência semanal. Nem tinha conta no banco. Fugia à polícia agora pela primeira vez na vida. E contudo tinha jeito para a matemática. Por que diabo não existia um sítio no mundo onde o jeito para a matemática desse dinheiro? Subitamente Tom deu-se conta de que os seus músculos se tinham retesado e que esmagara a caixa de fósforos entre os dedos. Estava aborrecido, sim, terrivelmente chateado, chateado, chateado! Apetecia-lhe voltar a estar só no bar.

Engoliu parte da bebida. — Terei muito prazer em escrever a Dickie, se me der a direção dele — disse rapidamente. — Suponho que ainda se deve lembrar de mim. Uma vez, lembro-me de que estivemos juntos num fim de semana em Long Island. Fomos juntos apa-